

Ideias de Deus* - 18/05/2019

****Idealismo e Teoria do Conhecimento.**** Russell relembra que idealismo significa que _o que existe ou pode ser conhecido é_ _de alguma forma mental_, ressaltando que há vários tipos de idealismo. Segundo ele, embora o fato de imaginarmos que o mundo físico à nossa volta possa ser produto da mente ou deixe de existir quando fechamos os olhos, o idealismo não pode ser descartado como absurdo. Russell nos mostrou que o mundo físico, se existente independente de nós, deveria ser diferente dos dados-dos-sentidos, o que tornaria difícil a conceituação de sua natureza. Porém, mesmo que soe estranho como o idealismo caracteriza a apreensão da realidade, Russell afirma que _o idealismo remete à teoria do conhecimento_ e às condições que temos para conhecer as coisas que nos cercam.

****Conceito de Ideia.**** Já vimos, também, que Bishop Berkeley foi o primeiro a conceituar dados-dos-sentidos dependendo de nossa mente e com ampla aceitação na filosofia. Argumentando que só temos garantia do conhecimento de dados-dos-sentidos, para Berkeley tal conhecimento estaria em nossa mente (se não na minha, em outra, em alguma mente...) e só seria possível pela _noção de ideia_, que é exatamente o que é imediatamente conhecido por nós_ : uma cor que vemos é uma ideia, uma voz, etc. Ao exemplificar o que conhecemos de uma árvore, Berkeley afirma que é uma ideia dela em nossa mente, mas quando essa ideia se esvai, a árvore não existe mais? Jamais, ela existe porque é uma ideia de Deus e as ideias de Deus nunca cessam.[i] _Então, tudo o que vemos, sentimos ou tocamos são ideias que só são porque são ideias de Deus e por isso todos nós compartilhamos de ideias semelhantes, pois são de Deus._ Se Deus cessa, o mundo cessa[ii].

****Falácias do Conceito de Ideia.**** Porém, explica Russell, se o conceito de ideia remete a algo em nossa mente, a ideia de uma árvore não significa que a árvore toda está em nossa mente, mas um pensamento dela. Se Berkeley, em oposição ao objeto físico, trata de dados-dos-sentidos como algo subjetivo e, por isso, mais dependendo de nós do que do objeto, isso não significa que tudo que é imediatamente conhecido está em nossa mente. _O que importa a Russell não é a distinção entre dados-dos-sentidos e objetos físicos, mas a questão de saber se tudo que conhecemos é mental._ Russell argumenta que uma coisa é a consciência de uma cor em nossa frente (o ato mental de apreensão que está em nossa mente) e outra é a própria cor percebida pelos dados-dos-sentidos. _Russell aponta para uma confusão no conceito de ideia de Berkeley entre o ato de apreensão e a coisa apreendida[iii]_.

****Outras falácias.**** Tal confusão entre ato e objeto permite a Russell caracterizar a mente como tendo a capacidade de apreensão de outros objetos que não ela e enfatizar que limitar o seu conhecimento a coisas que estão na mente, como faz Berkeley, equivale dizer que essas coisas não são mentais, invalidando seu conceito de ideia. Além disso, para Russell, _há uma suposição de que o que existe deve ser conhecido por nós_, nesse caso, a matéria seria uma mera quimera, pois só conheceríamos mentes e ideias mentais. E o que não tem importância para nós não seria real, porém, segundo ele, a matéria faz parte de um desejo de conhecimento que temos.

****Teoria do Conhecimento de Russell.**** Russell se refere ao conhecimento de duas maneiras: 1.) oposto ao erro, conhecimento de algo que julgamos verdadeiro e 2.) conhecimento de coisas, um tipo de apreensão, por exemplo, conhecimento de dados dos sentidos. Russell então muda a suposição destacada acima a acusando de falsa: “We can never truly judge that something with which we are not acquainted exists.”[iv] Ele argumenta que se não pode ser conhecido (apreendido) como imperador da China, mesmo assim pode julgar verdadeiramente que ele existe. Ele finaliza dizendo que sim, _o fato de estar familiarizado com algo indica o conhecimento desse algo mas não estar familiarizado com algo não significa que este algo não pode ser conhecido ou exista_. Podemos julgar verdadeiramente algo com que não estamos familiarizados se esse mundo não nos é por descrição, assunto que será investigado no próximo capítulo.

* * *

* Bertrand Russell, Problems of Philosophy. IDEALISM. Acessado em 11/05/2019: <http://www.ditext.com/russell/rus4.html>.

[i] Conforme Russell: “Its being, he says, consists in being perceived: in the Latin of the schoolmen its 'esse' is 'percipi'”. Ou seja, o ser da árvore é sempre um ser percebido [por uma mente].

[ii] Inclusive nós, acreditamos, pois nesse caso também somos ideias: de Deus, para os outros.

[iii] Ou: “Thus, by an unconscious equivocation, we arrive at the conclusion that whatever we can apprehend must be in our minds.”.

[iv] Usaremos acquainted como familiarizado e/ou apreendido indiscriminadamente.

Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.